

### PalhaSOS: experiência cênica dos palhaços de hospital

Ana Lucia Martins Soares (Ana Achcar)<sup>1</sup>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO – Professora Adjunta

Doutora em Teatro – UNIRIO

Atriz, Professora e Diretora de Teatro

Resumo: O presente trabalho trata da reflexão acerca da atuação cênica dos enfermeiros-palhaços do Programa Enfermaria do Riso/UNIRIO no espetáculo PalhaSOS, e o conseqüente questionamento das implicações e mudanças artísticas na qualidade de atuação dos palhaços no palco e em ambiente hospitalar. Desde 2007, o espetáculo tem sido apresentado em hospitais e festivais de teatro regionais e internacionais. Elaborado através de jogos e improvisações a partir da experiência de atuação em três hospitais do Rio de Janeiro nos últimos dez anos, o espetáculo PalhaSOS aborda tematicamente as relações que constroem a realidade da criança hospitalizada na visão do palhaço e utiliza as regras e leis do jogo da máscara como linguagem cênica.

Palavras-chave: palhaço, hospital, cena, formação.



Foto1: Atuação da palhaça *Maricota* no Instituto Fernandes Figueira – Rio de Janeiro, 2010

*PalhaSOS*<sup>2</sup> estreou na Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, em agosto de 2007. O espetáculo aborda tematicamente a

<sup>1</sup> Este artigo contou com as imprescindíveis colaborações de Camila Nhary, Flavio Souza e Patrícia Ubeda que através de conversas e e-mails, incrementaram estas reflexões com lembranças de situações vividas em cena e no hospital.

<sup>2</sup> Do elenco original participaram Adriano Pellegrini (palhaço *Lindomar*), Ana Carolina Sauwen (palhaça *Neca de Pitibiriba*), Camila Nhary (palhaça *Catarina*), Elisa Pinheiro (palhaça *Mari-êta*) Filipe Codeço (palhaço *Batatinha*), Henrique Vianna Escobar (palhaço *Claudinei*), Julia Sarmento (palhaça *Kassandra*) Pablo Aguilar (palhaço *Tubias*), e Patrícia Ubeda (palhaça *Charlotte*). Sob a direção de Flavio Souza (palhaço *Vladimir*) contaram com a colaboração de Letícia Medella (palhaça *Matilde*) e a coordenação artística de Ana Achcar.

realidade da criança hospitalizada sob a ótica do palhaço. O espaço hospitalar, a assepsia, os cuidados de enfermagem, as perdas, o medo da injeção, as doenças e as relações que constroem a rotina da internação infantil. A criação foi resultado de um conjunto de ações do Programa Enfermaria do Riso desenvolvido na UNIRIO desde 1998, entre elas, as atuações desenvolvidas pelos enfermeiros-palhaços em hospitais no Rio de Janeiro desde novembro de 2000; a construção de um projeto de ensino para palhaços de hospital, dirigida aos estudantes de teatro em formação na universidade, e inserida na grade curricular através de disciplinas optativas desde 2002; as oficinas ministradas pela equipe de formadores do Programa para equipes de saúde dos hospitais e estudantes de Medicina e Enfermagem da UNIRIO intituladas *Riso na Saúde* desde 2005; e o Prêmio Jovens Artistas concedido em 2006 pelo MEC/Sesu.

Nos últimos trinta anos, o palhaço migrou progressivamente da pista do circo e dos palcos para outros espaços. Tornou-se um produto de consumo e ao mesmo tempo recurso publicitário para fazer consumir. Atua nos campos de refugiados, nas zonas de conflitos, trazendo divertimento e distração através do riso.



Foto 2: Apresentação do espetáculo *PalhaSOS* na Escola de Teatro da UNIRIO no Rio de Janeiro, 2010.

Afirma-se que rir fortalece o sistema imunológico, ajuda a manter a saúde, e o palhaço, como um forte veículo do risível, está nos hospitais. Este artigo espera discutir a diferença de expressão do palhaço da cena e do palhaço que atua no hospital na perspectiva da experiência dos palhaços do Programa Enfermaria do Riso.

O palhaço que atua em hospitais é comumente nominado palhaço *cuidador*<sup>3</sup>. Mas que palhaço é este? Que modo de atuação lhe é peculiar e necessário segundo as circunstâncias nas quais está inserido? De que forma de representação artística ele foi retirado? De que parte da genealogia da figura cômica ele foi adaptado? Em que momento histórico ele foi influenciado? Será possível ser esse palhaço, um personagem humanitário? Mesmo que não signifique necessariamente um adjetivo ou uma qualidade da figura cômica propriamente, e esteja se referindo ao tipo de ação realizada, o termo humanitário parece ser uma ameaça à natureza transgressora, libertadora, poética e carnal, do riso que o palhaço provoca.

Este palhaço que mistura a cor branca às suas roupas coloridas; que porta um estetoscópio pendurado no pescoço com duas flores coladas nos auscultadores e uma buzina amarrada no sensor; que fala alto embaixo da placa que pede silêncio; que aproveita a brecha da porta que se abre e escancara o acesso restrito do corredor que está logo atrás dela; que se cala e espera diante da manifestação de dor iminente; que se debruça sobre a incubadora para aquecer, num abraço, o bebê que nela repousa; que invade a reunião de rotina da equipe médica, proferindo palavras de ordem contra a palhaçada, usada sem critério, a torto e a direito, como um procedimento de saúde naquela enfermaria. Este palhaço não estaria, além do próprio pescoço, arriscando também a cabeça de todos os seus colegas, correligionários, companheiros, compatriotas de todos os tempos e todas as culturas, numa aventura que poderia mesmo, desqualificá-lo nas suas características originais?

Em minha tese de doutoramento<sup>4</sup>, justifico que a presença do palhaço em ambiente hospitalar se explica precisamente porque ele é um desordeiro. A sua desmedida e as suas provocações encontram eco e resposta na violência, na paixão, na urgência das lutas para sobreviver que se travam, diariamente, num hospital. Assim o reforço dos laços do palhaço de hospital com seus antecessores saltimbancos, bufões, excêntricos, bobos, loucos, diabos, arlequins, preserva sua liberdade de ação e a sua própria identidade. Neste sentido, a montagem do espetáculo *PalhaSOS*, incluindo sua criação e as apresentações em hospitais, escolas de teatro, festivais internacionais, foi um instrumento importante para o treinamento destes palhaços, pois forçou a afirmação da excentricidade da figura cômica e o exercício de finalização formal, sem exatamente fixar o personagem, mas trazendo acabamento e contorno a sua aparência.

---

<sup>3</sup> Referência amplamente utilizada em dois encontros internacionais de palhaços que trabalham em hospitais dos quais participamos: *1st Global Conference Making Sense of: Humour and Healing* na Hungria em 2005 e *Nez a Nez - Le clown et la santé* no Canadá em 2006.

<sup>4</sup> *Palhaço de Hospital: Proposta Metodológica de Formação*, defendida em dezembro de 2007 na UNIRIO.

O curso de formação na UNIRIO<sup>5</sup> é direcionado para a experiência da descoberta, através de exercícios apropriados, de uma natureza específica, de uma ordem de funcionamento que revela o palhaço de cada um. O palhaço de si mesmo. Antes de se tornar um personagem, o seu palhaço é a sua visão do mundo, e o humor, a sua opinião sobre ele. Constitui-se num dos princípios básicos desta formação, a investigação de uma natureza cômica própria. Quando finalmente o palhaço acontece no ator, coloca-se em evidência o indivíduo na sua singularidade e ele é forçado a desenvolver uma estreita relação entre interioridade e forma. A experiência de atuar no hospital toda semana e a concomitante criação e atuação no espetáculo trouxeram para os palhaços justamente a oportunidade de vivenciar essa correspondência.

No hospital, os palhaços trabalham com uma idéia de rotina hospitalar. A intimidade com certos procedimentos hospitalares, por exemplo, possibilitou o inventário de detalhes, de gestos, de atitudes e dinâmicas, que mais tarde construíram a poética da cena. Em contrapartida; a contribuição no conteúdo temático, e o exercício de construção de uma dramaturgia, de um roteiro para o espetáculo; acabou possibilitando a ampliação do vocabulário e do repertório dos palhaços no hospital. No palco, os palhaços se apresentam para uma platéia de espectadores que pode chegar a centenas de pessoas; enquanto que em ambiente hospitalar, o seu interlocutor é único, no máximo, além da criança internada, um parente, alguém da equipe de saúde. Eles estão tão próximos espacialmente que podem tocar-se. Em cena, mesmo se acontece um improviso num momento e outro, o palhaço segue um roteiro previamente construído de ações e situações ou ainda um texto que precisa ser dito. No hospital, os jogos são construídos com a anuência e participação da criança, do médico, da enfermeira, a cada leito, a cada quarto, a cada enfermaria. Existe, sobretudo após alguns anos de atuação em hospitais, um repertório de temas que pode ser utilizado nas atuações, mas a abordagem do outro, a entrada no ambiente, o desfecho da ação, a saída do espaço, são sempre momentos diferentes e únicos, que dependem do aproveitamento e da participação do outro, do seu envolvimento, da sua condição de saúde, e da capacidade do palhaço, naquele dia, de compartilhar a construção do jogo.

---

<sup>5</sup> O estudante que atua como enfermeiro-palhaço no Programa Enfermagem do Riso segue, obrigatoriamente, um curso prático e outro teórico, ao menos, por três semestres letivos consecutivos. No curso prático, passa por três exercícios consecutivos: *Jogo do Palhaço – O Lugar da Descoberta, Palhaço de Si Mesmo – A Afirmação do Risível Palhaço de Hospital – A Regra da Transgressão*. Do curso teórico fazem parte três módulos de *Seminários de Estudos Dirigidos* onde se realizam leitura, discussão e reflexão de textos distribuídos em três grandes áreas temáticas, *Criança, Saúde, e Palhaço*, e cujos conteúdos se afinam com os princípios que regem a experiência do palhaço em ambiente hospitalar. O estudante freqüenta ainda as sessões de *Supervisão Psicológica*, terapia em grupo, uma a cada semestre, com profissional responsável pelo apoio psicológico aos palhaços. Por fim, para os estudantes que se tornaram enfermeiros palhaços há os *Seminários de Avaliação e Produção de Relatórios*.

O espetáculo *PalhaSOS* foi apresentado, nesta ordem, na Urca, em Rio das Ostras, em Angra dos Reis, no Flamengo (todos no Rio de Janeiro), em Monastir<sup>6</sup> (Tunísia), em Perm<sup>7</sup> (Rússia), em Realengo (RJ), em São Gonçalo (RJ), em São Paulo (SP), em Jacarepaguá e na Tijuca (no RJ); em auditórios apertados, em grandes salas de teatro, num estacionamento de ambulâncias, ao ar livre no pátio de uma fortificação árabe; para crianças hospitalizadas, para estudantes de teatro, para tuberculosos, para residentes de pediatria, enfermeiros, médicos, para seguranças, faxineiros, psicólogos, para brasileiros, tunisianos, russos, franceses, marroquinos. A atuação cênica dos palhaços em outra língua<sup>8</sup> trouxe um aprimoramento na percepção do corpo cômico e fortaleceu o palhaço na qualidade de máscara, *a menor máscara do mundo*<sup>9</sup>. Na volta para o hospital, a ação do palhaço tornou-se mais corporal e ele teve menos necessidade de se explicar pela fala: a sua presença trouxe uma qualidade de energia extra-ordinária, e a banalização da sua imagem pode ser afastada. Está preservado o riso potente e transformador que a sua figura veicula. Bolognesi (2005, p. 9-11) critica a psicologização nos processos de criação do palhaço, atentando para o perigo da domesticação da máscara do palhaço popular e a perda de sua característica cômica universal. Para ele, o palhaço, hoje, enfatiza o gracioso poético e torna-se irônico, em detrimento da figura grotesca e enfraquecendo seus recursos de apresentação teatral e circense, como a sátira e a paródia. A atuação no espetáculo ao recuperar a preponderância corporal como instrumento para a ação do palhaço, trouxe para o jogo no hospital, nesta perspectiva carnal, uma poesia mais instintiva e menos etérea.

Por fim, há um dado invariável nas apresentações do espetáculo: a recepção emocionada do público. Trata-se de uma comoção generalizada que parece se dirigir não somente à cena propriamente, mas antes, devem-se ao fato de ela ser representada por palhaços que atuam em hospitais. Para Verônica Bestetti (2005, p. 70), o êxito do palhaço que incide nas chamadas situações difíceis e de crise está na forte identificação por parte do público que ele atinge. O palhaço é o inadequado ou, de qualquer modo, um personagem *out*, e as suas atuações ditas sociais ocorrem geralmente em situações *out* ou com pessoas *out*. Há uma imediata simpatia com o palhaço de hospital em cena, que gera uma intensa relação entre ele e seus espectadores que se tornam, também, comparsas, cúmplices, participantes, colaboradores. Neste caso, o trabalho que o palhaço realiza no hospital autoriza o seu exercício cênico. Em contrapartida, a cena afasta o perigo de adequação do palhaço e de absorção do riso como elementos controladores da realidade, assegurando-

<sup>6</sup> 14º FITUM – Festival International de Théâtre Universitaire de Monastir – Prêmio Melhor Espetáculo

<sup>7</sup> 12º FIESTA – Festival International Espace Scénique Théâtre Amateur Francophone – Prêmio Escolha do Público e Menção Honrosa pelo trabalho dos palhaços no hospital

<sup>8</sup> Os palhaços decoraram o texto do espetáculo em francês para que fosse possível a participação nos festivais de teatro universitário de Monastir, na Tunísia e de Perm, na Rússia.

<sup>9</sup> Referência nominada por Jacques Lecoq, pedagogo e diretor teatral com larga experiência no exercício das máscaras e do *clown*.

lhes imprescindibilidade, o que parece andar na contramão da comercialização do humor e da conseqüente banalização da figura cômica. Assim, hospital e cena despertam a força de provocação do palhaço devolvendo-lhe o papel de verdadeira encarnação do festivo, que nos possibilita, a todos, inclusive a ele, o exercício de existência libertadora, que tanto nos falta na vida cotidiana.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHCAR, Ana ou SOARES, Ana Lucia M. *Palhaço de Hospital: Proposta Metodológica de Formação*. Tese de Doutorado em Teatro. UNIRIO, 2007.

BESTETTI, Verônica. O palhaço entre a renovação e a profanação. In: *Boca Larga Caderno dos Doutores da Alegria* n. 1. São Paulo: Doutores da Alegria, 2006. p. 67-83.

BOLOGNESI, Mario Fernando. O riso no circo: a paródia acrobática. In *Urdimento* n. 7 – Revista de Estudos Pós-Graduados em Artes Cênicas, Florianópolis: UDESC, 2005. p. 67-74.



Foto 3: Apresentação do espetáculo *PalhaSOS* em Monastir, na Tunísia, 2009